

A EXPERIÊNCIA DE PENSAR O TRABALHO COM BEBÊS NO PROJETO DE EXTENSÃO ATELIÊ DA INFÂNCIA

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo destacar as contribuições do projeto de extensão Ateliê da Infância para a formação inicial de estudante do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Este projeto recebe turmas de Educação Infantil para participarem de vivências com as múltiplas linguagens, as atividades são desenvolvidas pelos bolsistas do projeto e coordenada por docentes da Universidade. Para este trabalho, foi utilizada a metodologia de narrativa autobiográfica. A partir da análise da narrativa apresentada, identifica-se que o Projeto contribui na formação de estudantes de pedagogia, pois permite vivenciarem práticas com os bebês, trás reflexões sobre o trabalho pedagógico do berçário e experienciar o planejamento.

Palavras-chave: Educação Infantil, Formação Inicial, Experiência, Berçário, Projeto de extensão.

INTRODUÇÃO

Esta escrita surgiu da experiência de uma estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como bolsista do projeto de extensão Ateliê da Infância. É narrada a experiência de pensar e desenvolver uma proposta para receber as crianças do berçário. Além disso, serão apresentadas reflexões acerca da importância da organização do espaço para o desenvolvimento qualificado do trabalho com bebês. Por conseguinte, esta escrita tem como objetivo evidenciar as contribuições do Projeto de Extensão na trajetória formativa dos estudantes do curso de Pedagogia bolsistas do projeto.

O Ateliê da Infância: espaço de brincadeira, educação e criação é um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância (NEPE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Este projeto tem como objetivo oportunizar vivências para crianças por meio das múltiplas linguagens. Uma das suas ações, denominada Brincadeiras e Vivências com as Múltiplas Linguagens, consiste em receber grupos de crianças de diferentes instituições de Educação Infantil do município do Rio Grande, acompanhadas com suas(os) professoras(res) em sua sala localizada no prédio do Instituto de Educação.

Para receber as crianças, os bolsistas e as professoras do projeto planejam uma atividade específica para cada grupo. O planejamento envolve pensar vivências a partir de diferentes linguagens e para isso é pensada e construída uma proposta para a organização do

espaço. Para fundamentar esse processo de planejamento buscamos referenciais da Educação e temos trabalhado com os autores Horn e Gobbato (2015); Barbosa e Fochi (2015).

Nesse sentido, o trabalho está organizado em: Metodologia; Propostas para Grupos do Berçário no Ateliê da Infância a qual se destaca a organização do espaço e são exemplificadas de forma breve as propostas realizadas com dois grupos de berçário; Experiência a partir do Ateliê da Infância, ao delinear a relação entre a experiência teorizada por Jorge Larrosa Bondía (2002) articulado com as vivências no Projeto; Considerações Finais, em que são identificadas as contribuições das experiências adquiridas a partir da participação no planejamento e práticas pedagógicas com os bebês.

METODOLOGIA

Ao retrocedermos o pêndulo, recuperamos o início das atividades do Ateliê da Infância em 2017. Após um período de pausa devido a problemas com infiltração de água na estrutura do prédio de funcionamento do Ateliê e ao isolamento social causado pela pandemia de COVID-19. O Ateliê da Infância retoma suas atividades no início de 2022, com sua ação itinerante na 48ª Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande. Em abril/maio de 2022, a autora deste texto passa a fazer parte do projeto.

Após a retomada, houve a mudança do projeto para o novo prédio do Instituto de Educação no Campus Carreiros da FURG. O espaço é amplo, com janelas grandes, cores de parede neutras, além de contar com todos os materiais adquiridos ao longo da trajetória do Ateliê da Infância. O projeto recebeu o primeiro grupo de crianças no dia 25 de outubro de 2022, após a necessidade de higienização dos materiais, organização do espaço e reuniões formativas. O Projeto realiza diversas ações, recebendo crianças das escolas, formações continuadas vinculadas ao NEPE para professoras de escolas públicas municipais, aulas do curso de pedagogia e oficinas para estudantes de licenciaturas da FURG.

Os bolsistas do projeto, são convidados a fazerem registros de duas vivências. É importante ressaltar, que as professoras orientadoras do projeto sempre incentivam a autonomia nos planejamentos e autoria nos registros, por meio de diários de campo das ações propostas. Por isso, está escrita surge da análise dos registros construídos no projeto.

Sendo assim, busca-se uma metodologia que agrega o registro e a construção do conhecimento a partir da reflexão e autoavaliação a partir da própria narrativa autobiográfica, a qual, para Ventura e Cruz (2019):

Assim, os processos de autocompreensão de nós mesmos (identitários) devem passar, necessariamente, pela rede intercomunicativa de dizermos,

para nós e para os outros (e vice-versa), quem éramos, quem somos e quem pensamos ser. Então, se toda identidade é produzida no diálogo consigo mesmo e com os outros, narrar é dividir experiências de vida, sabedorias, incompletudes, tramas individuais e coletivas, enfim, partilhar história “[...] más o menos nítida, más o menos delirante, más o menos fragmentada” (BONDIA, 2004, p. 16). Para o pesquisador narrativo, essas são sempre histórias significativas para a autodescoberta e consciência de si mesmo(a). (VENTURA; CRUZ. 2019. p. 434)

Através desse processo de autoavaliação e reconhecimento da qualificação formativa a partir da participação no projeto do Ateliê da Infância, em que “nessa perspectiva, autobiografar-se significa extrair de si experiências e, a partir delas, produzir novos saberes e fazeres, da vida, da profissão, da formação” (VENTURA; CRUZ. 2019. p. 440). Busca-se refletir, autoavaliar, delinear os avanços no processo formativo apresentado nos registros individuais realizados.

PROPOSTA PARA GRUPOS DO BERÇÁRIO NO ATELIÊ DA INFÂNCIA

Para evidenciarmos a construção da proposta, é importante ressaltar que não há pretensão de que as crianças construam sua autonomia no momento da proposta, nem de se apropriarem do espaço como uma sala referência em um único dia, em um período muito curto. No entanto, para muitas crianças, se locomover para esse espaço configura-se como a primeira saída da escola. O que realmente importa é que, ao definir uma proposta formulada pelos bolsistas da graduação, busca-se colocar as infâncias como centralidade. Ao planejar para um grupo desconhecido, opta-se por propostas flexíveis, com possíveis modificações, caso necessário, e com base em muita discussão nos planejamentos das propostas, almejando experiências por meio das múltiplas linguagens.

O que há de comum na realização da ação, é como enxergamos o espaço e o ambiente, sendo fatores determinantes para cada proposta. Ao considerar o espaço como estimulante para promover interações entre as crianças e elas com os adultos, constituímos o espaço como parte da ação pedagógica (HORN; GOBBATO, 2017). De acordo com Horn e Gobbato (2017, p. 71):

O termo espaço refere-se aos locais nos quais as atividades são realizadas e caracterizam-se pelos objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo ambiente diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que se estabelecem no mesmo, as quais envolvem os afetadas e as relações interpessoais das pessoas envolvidas no processo, adultos e crianças - de parte do espaço, temos as coisas postas em termos mais objetivos; de parte do ambiente, as mais subjetivas.

Conforme planejam os encontros, modificam o espaço, alteram a disposição dos móveis e decoram o ambiente para torná-lo aconchegante e desafiador. Apesar de alguns móveis não estarem na altura das crianças, principalmente por se encontrarem em um espaço com móveis da Universidade, utiliza-se tecidos, há produção de pinturas e outros elementos que agregam de forma estética as prateleiras altas. A fim de se manter os objetos ao alcance das crianças.

Dentre diversos encontros, destacam-se especialmente os do berçário em novembro de 2022, e outro em 30 de agosto de 2023, que serão organizados como Escola I e Escola II, respectivamente. Na Escola I, realizou-se a contação da história a partir do livro “Pulinha” de Francesca Ferri, 2011. Na Escola II, houve a oferta de um espaço com diversas possibilidades em diferentes linguagens e a produção coletiva de garrafas sensoriais para as crianças.

Na Escola I, os bolsistas estavam altamente envolvidos em contação de histórias. Por esse motivo, decidiu-se realizar a proposta de contação com brinquedos para que as crianças pudessem participar ativamente da história. Durante a contação da história, que ocorreu na Arena Victor Hugo, dois bolsistas permaneceram com as crianças, enquanto duas bolsistas ficaram atrás de uma parede. A história começou com o uso de um fantoche de sapo, representando o personagem “Pulinha”. Conforme a história avançava, as duas bolsistas que estavam atrás da parede “lançavam” diferentes objetos para enriquecer o momento. Esses objetos incluíam o amigo do Pulinha, um fantoche de patinho, uma piscina de bolas de plástico, um carrinho de bebê e um carrinho de madeira estilo “rolimã”, como mostrado na imagem abaixo.



Fonte: Fotografia feita por Ana do Carmo Goulart Gonçalves, coordenadora do NEPE (Imagem: bolsistas do Ateliê da Infância realizando a proposta de contação a partir do livro “Pulinha” de Francesca Ferri, 2011)

Neste encontro, as crianças que estavam organizadas sentadas uma ao lado da outra sentiram-se convidadas a brincar com os elementos, à medida que a história continuava sendo contada. Este momento tornou-se uma oportunidade interativa de dar seguimento à história, com a participação dos bebês. Assim, as crianças também se tornaram amigas do sapo Pulinha e o acompanharam de carrinho junto ao seu amigo patinho. Por fim, Pulinha convidou as crianças para o espaço do Ateliê da Infância, que havia sido projetado com o objetivo de promover o protagonismo dos bebês, permitindo-lhes experimentar diversas formas de linguagens individualmente, com interações em grupo e com adultos. De acordo com Barbosa e Fochi (2015):

As crianças vão criando, desde suas primeiras semanas de vida, um repertório de informações a partir de sua herança biológica e das sensações que lhes são oferecidas. Na medida em que o tempo vai passando, essas sensações convertem-se em percepções cada vez mais complexas e amplificadas. Assim, é necessário oferecer momentos diversificados para que as crianças tenham sensações, através de opções de materialidades, sonoridades, sabores, odores e repertórios visuais plurais (BARBOSA; FOCHI. 2015. p. 62)

Mediante a organização, havia na entrada uma cama-de-gato (cubo envolvido com linha de malha), com um bambolê em seu lado de cima com bolinhas de plástico e fitas de papel crepom; seguido por um tapete sensorial com caixa de ovos, plástico bolha, e outras texturas; havia um espaço aconchegante, um arco forrado com tecido de tule colorido com cores claras, almofadas, entre outros; espaço de construção, com blocos de estofados em frente a um espelho da altura das crianças; espaço da música com tambores, xilofones, chocalhos, violões, entre outros; da leitura com poltronas, livros estofados, livros sensoriais e de papel comum disponíveis ao alcance das crianças; triângulo pikler; a cozinha com colheres de madeira, panelas, entre outros; duas cabanas e um túnel ligando-as; um circuito estofado, em que as crianças passavam por ondulações e um estofado com formato de “U” virado para o chão. Havia também garrafas de 500ml para a produção de garrafas sensoriais com glitter.

É evidente que em meio a proposta nada ficou em “seu” espaço, dito pela visão do adulto. Pois, a cozinha iria precisar de alguém tocando violão enquanto estivessem fazendo “ovinhos com tomate”; o estofado com formato de “U” serviria de um assento de teste de flexibilidade; o triângulo pikler devido à inexperiência naquele momento foi montado em uma altura maior que a das crianças e mesmo assim foi desafiado e vencido inúmeras vezes; até o tapete sensorial não era tão interessante, mas os livros continham receitas que deveriam estar nas cozinhas; as bolinhas de plástico da cama-de-gato deveriam estar dentro da cabana. Tudo

que estava no lugar em que a figura do adulto posicionou, foi para outro espaço com outro significado. Menos os blocos de construção, estes foram apenas blocos; as garrafas sensoriais? Foi de preferência para a próxima vez e dar-se espaço para um lanche com frutas no jardim de inverno do prédio do Instituto de Educação. Por fim, uma das professoras disse: “hoje eles exploraram”.

Com isso, o Projeto se torna um espaço de quebra da expectativa, em que o adulto tem sua figura descentralizada para reposicionar a centralidade e potencialidade nos interesses dos bebês. Este movimento acontece ao oportunizar um espaço amplo com diversas possibilidades, aconchegante, desafiador e limpo (Barbosa e Gobato, 2017).

Na Escola II, a maioria dos bebês não caminhava, por isso optou-se por agregar o espaço com formas diversificadas de possibilidades. Neste momento considerava-se (erroneamente) que já havia a experiência necessária para a construção de um espaço para bebês.

Neste dia, havia um espaço aconchegante, desta vez o arco com o tecido laranja próximo ao espelho e com giz líquido para vidro atrás das almofadas para serem descobertas, e próximo a cesta dos tesouros; a cozinha; espaço da leitura com os livros estofados, de papel e sensoriais ao alcance e até mesmo no chão; um espaço central com escorregador, triângulo pikler e cavalinhos; espaço com um cubo sensorial, o qual em um lado havia sacos de tecido com algodão e algumas gotas de essências diversas, bolas de isopor com diferentes texturas e as garrafas de 500ml com botões, água com glitter, recortes de papel, entre outros; espaço para música com tambores, violões, chocalhos, entre outros; para construção com blocos estofados; para construção com blocos de madeira; espaço com a cama-de-gato; espaço com uma casa de madeira em miniatura. Havia também separadas garrafas de refresco de 220ml para a produção de garrafas sensoriais com glitter, giz de lousa quebrado, entre outros elementos.

Nesta proposta, as crianças que não caminhavam tinham a companhia de suas professoras com pequenos grupos e permeavam espaços que seus olhares apresentavam curiosidade. Por outro lado, as crianças que caminhavam desafiaram cada espaço, os violões foram tocados em sua posição usual com as mãos posicionadas sem as crianças terem utilizado o objeto antes; o espelho e as portas de vidro, deram luz a garatujas com cores vibrantes; a cama-de-gato teve seu momento em que se tornou uma casa; e houve reclamações porque na bancada de nossa cozinha não há torneira então a louça não foi lavada! As garrafas? Tivemos uma autoavaliação, mediante a Escola I e fizemos com eles em meio a tantas possibilidades acontecendo, virou suco na geladeira, algo para se passar no cabelo, para

se olhar, para tentar abrir, entre outros. O mais intrigante de tudo, é que ao “esconderem” o giz-líquido também acharam roupas de bonecas de borracha bem pequenas e enquanto estávamos pensando na segurança, foram colocados na frigideira, mexidas com colheres de madeira e servidas com suco de giz-de-lousa laranja.

Destas propostas, elucidou particularmente experiências, as quais serão abordadas no próximo segmento.

EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ATELIÊ DA INFÂNCIA

Inicialmente, reconhecemos os desafios e inseguranças iniciais do trabalho docente com o berçário. Para Paschoal et. al. (2016) ao realizarem uma pesquisa com professoras que atuam no berçário, identificaram um descompasso entre concepções elencadas sobre as práticas pedagógicas realizadas, ações de cuidado e as concepções defendidas pelas professoras. Nesta pesquisa, os resultados correspondem a discursos assistencialistas e preparatórias para a Educação Infantil, segundo os autores, seria necessário formações continuadas para a superação de concepções já superadas.

Entretanto, há inseguranças presentes na formação inicial, que ainda era estabelecido por concepções preparatórias e assistencialistas que permeiam só o cuidado e segurança para bebês. Todavia, a partir do planejamento e experiências construídas no Projeto com crianças diferentes e contextos diferentes, há semelhanças no meu processo formativo, em que os dois encontros, se caracterizam enquanto uma experiência à medida que desencadearam na mudança de concepções, em que se observou-se como o cuidado pode acontecer de maneira indissociável à educação.

Segundo Bondía (2002), explorando a possibilidade do significado de experiência e os motivos da raridade da mesma. Ao refletir sobre essa narrativa, a qual estive presente em todos os encontros das crianças no espaço do Ateliê e em suas ações itinerantes, poucos se tornaram uma experiência, sobre os fatores que causam essa raridade, destaca o:

[...] excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência (BONDÍA, 2002, p.21)

Neste caso, é evidente que estamos interpelados por uma elevada gama de informações devido as redes sociais, as quais temos acesso a diferentes propostas para bebês e crianças bem pequenas. Mas também, a partir do momento em que buscamos informações

com base nos textos disponibilizados no curso com diferentes referenciais teóricos no campo da Educação, concomitante com as pesquisas na internet em busca de fontes em escolas reais, construiu-se a opinião, e em seu excesso, a necessidade de ter uma opinião sobre o que poderíamos fazer em um turno com os bebês para não transparecer a inexperiência comum para professores na formação inicial.

Com isso, a partir do momento que já temos a informação do que podemos fazer em determinadas situações, descartamos a possibilidade de estarmos abertos a viver o processo de construção da própria informação. Por isso, na construção do planejamento para os berçários em nosso espaço, em nenhum momento nossas orientadoras disseram as propostas possíveis para os grupos, mas nos permitiram buscar em nosso repertório que está em constante movimento no curso de Pedagogia da FURG, mas também nos questionavam/questionam do porquê tal forma e não outra, a fim de que não construíssemos uma opinião e descartarmos a multiplicidade de acontecimentos possíveis mediante à um grupo de crianças que nem conhecíamos, o que também poderia acarretar na anulação da possibilidade de experiências nestes encontros (BONDÍA, 2002).

E por fim, o autor retrata que outro fator que impossibilita a experiência é a falta de tempo, e nas vezes em que recebemos os grupos não tínhamos um tempo alargado para o planejamento devido à diversos fatores que influenciaram a organização dos encontros, porém o tempo alargado que possibilitamos para as crianças explorarem cada linguagem, cada momento tornou esta uma experiência de grande profundidade em meu processo formativo.

Ao deixar o meu subjetivo e me desafiar para pensar em encontros com diferentes potenciais e durante estes momentos, disponibilizar meu pensar, observar, refletir sobre aquele acontecimento, durante e depois (BONDÍA, 2002) contribuiu para a consolidação da minha prática docente. Esta, modificou a forma de olhar para as crianças e estes momentos, principalmente o motivo para entrar no curso de pedagogia da FURG, desencadeando no discurso de que a pedagogia não é por amor, mas sim o amor pela experiência. A experiência possibilita desfrutar do encontro de forma a se encantar, de fazer sentido e de transformar o conhecimento da informação adquirida por meio da opinião constituída (BONDÍA, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da participação no projeto do Ateliê da Infância, as vivências oportunizadas permitiram refletir e construir uma prática docente com centralidade na criança. Ainda que no curso tivéssemos leituras e discussões, havia um receio acerca do trabalho com os bebês, por parecer ser complexo o planejamento de propostas que não se restringi-se ao cuidado de modo

distantes do pedagógico. Todavia, a partir das vivências oportunizadas durante a formação, e a vivência de receber diferentes grupos de bebês, tornou-se possível a desconstrução da complexidade do fazer docente na Educação Infantil.

Observar como os bebês chegam no Ateliê da Infância, descobrem as possibilidades de se expressarem por meio de múltiplas linguagens é encantador e ir percebendo que as intencionalidades do planejamento vão dando oportunidades de vivências aos bebês foi algo muito gratificante. Com isso, percebemos a importância do professor planejar com intencionalidade pedagógica e buscando propostas que oportunizem o desenvolvimento integral das crianças.

Por fim, é importante referir que o projeto de extensão Ateliê da Infância, tem sido muito relevante na articulação com as escolas públicas no município para oportunizar diferentes experiências com as linguagens e ao mesmo tempo, contribuir de maneira muito significativa com a formação dos estudantes do curso de Pedagogia. As experiências dos bolsistas em estudarem, planejarem e desenvolverem o planejamento, revela-se como um processo de práxis na formação docente, no qual teoria e prática estão de modo indissociado. O relato dos estudantes reforça essa percepção e colabora de modo significativo com a construção dos saberes da docência.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. ; FOCHI, P. S. Os bebês no berçário: ideias-chave. **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Dados Eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 57-68, 2015.

GONÇALVES. S. da R. V. **Ateliê da Infância: espaço de brincadeira, educação e criação**. Projeto de Extensão. FURG - relatório 2023.

HORN, M. da GS; GOBBATO, C. Percorrendo trajetórias e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas. **Implementação do PROINFÂNCIA no Rio Grande do Sul-perspectivas políticas e pedagógicas**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 69-84, 2015.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, 2002, 20-28.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado et al. A educação infantil em foco: desafios e perspectivas para a educação dos bebês. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 2174-2190, 2016.

SAHAGOFF, A. P. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. **XI SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO–SEPesq**, v. 11, p. 1-7, 2015.

VENTURA, L.; CRUZ, D. M.. **Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores**. *Revista Diálogo Educacional*, v. 19, n. 60, p. 426-446, 2019.